

EVELINA HOISEL, ROBERTO FIGUEIRA SANTOS, ARAMIS RIBEIRO COSTA,  
EDIVALDO M. BOAVENTURA, CARLOS RIBEIRO, PAULO ORMINDO DE AZEVEDO,  
SUZANA ALICE MARCELINO CARDOSO, ALEILTON FONSECA



# ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

←—————→  
UM SÉCULO DE HISTÓRIA



## A Academia pelos acadêmicos

277

### CADEIRA 2

#### A UNIDADE NA DIVERSIDADE DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

*Paulo Ormino de Azevedo*

Quando comecei a frequentar esporadicamente a Academia de Letras da Bahia para assistir a palestras ou acompanhar meu pai, Thales de Azevedo, que não dirigia, já conhecia praticamente todos os seus membros. Alguns haviam sido meus professores, outros eram colegas de meu pai, ou ainda amigos meus ou de minha irmã Maria Brandão. Quando participei do Conselho Estadual de Cultura esse círculo se ampliou. Eles não eram para mim imortais invulneráveis, senão um grupo de intelectuais argutos, que tinham posições instigantes e até antagônicas, muito diversas daquela uniformidade que havia nos grêmios profissionais.

Nem todos eram literatos, senão médicos, historiadores, antropólogos, filósofos, advogados e jornalistas e essa diversidade me encantava. Uma coisa era conversar com cada um em separado e outra assistir as discussões, muitas vezes acaloradas, entre eles. Se a academia fosse um grêmio literário eu não teria sido eleito e, ainda que eu fosse um literato de carteirinha, não sei se aceitaria fazer parte de mais um grêmio profissional.

Mas essa confusão entre academia e grêmio literário sempre existiu. Nunca imaginei ou pretendi entrar para esta academia. Não por preconceito, já que aqueles que nunca haviam assistido uma de suas sessões ou ouvido falar de uma lendária senhora Edith Gama e Abreu diziam que a instituição era um misto de Clube do Bolinha e Sociedade dos Poetas Mortos,

senão porque não me considerava suficientemente versátil, como muitos de seus membros, como meu pai: médico, professor, historiador, antropólogo, jornalista, escritor e pintor.

Mas James Amado, conhecendo o inventário do nosso patrimônio que eu fazia para o Estado, liderou, em silêncio, uma campanha que me levou a sentar em uma de suas cadeiras. Nela sempre cultivei um de seus pilares, a convivência acadêmica, ocupando cargos em sua diretoria, discutindo com meus pares as questões do patrimônio cultural, cuidando de sua sede, e defendendo o seu caráter multidisciplinar, como o das academias francesa e brasileira, em que se espelha. E para ser coerente com esse pensamento, além de arquiteto, urbanista, professor e consultor da Unesco, procurei com o tempo ser também um cronista de nossa cidade e escrever as vivências que eu contava, para não figurar na galeria dos que deixaram apenas frios textos técnicos, ou só douradas lembranças.

278

### CADEIRA 3

#### ANTES TARDE DO QUE NUNCA

*Guilherme Requião Radel*

Nunca pensei em ser escritor. Sonhava em ser um engenheiro de renome nacional e internacional. Parece que o consegui. Aprendi a escrever fazendo Engenharia, escrevendo relatórios, pareceres, especificações e usando sistematicamente o Aurélio e a gramática de Ernesto Carneiro Ribeiro. Em 1967, comecei a escrever trabalhos técnicos e me saí bem. Meu primeiro trabalho técnico, denominado “O buster e sua aplicação”, ganhou medalha de ouro no Congresso de Engenharia Sanitária de Brasília. Em 1971, meu trabalho “A obra pública ou um dos diálogos que Platão não escreveu” ganhou, também, medalha de ouro no Congresso de Engenharia Sanitária de São Paulo. Em 1968, escrevi uma monografia, intitulada “A carne-de-sol”, obra que teve repercussão, criando debates pelos jornais entre Jorge Amado, Wilson Lins, Carlos Coqueijo e outros.

Voltei ao assunto de cozinha baiana no ano 2000, começando a série, atualmente em 2ª edição, que contempla as cozinhas sertaneja, praiana e afro-baiana, a doçaria, as bebidas e os tira-gostos da Bahia. Escrevi romances, peça teatral, ensaios políticos, trabalhos sobre agronegócio, filologia, história e memórias. São 16 livros editados.

Se eu não pensava em ser escritor, muito menos sonhei em entrar na Academia de Letras da Bahia. Em 2014, quando eu estava com 84 anos, Joaci Góes, velho amigo, me procurou querendo me indicar para uma vaga na Academia de Letras da Bahia. Eu disse para ele que, com 84 anos, eu já seria uma vaga sendo eleito. Joaci me indicou, fui eleito por uma unanimidade de 26 votos. Tomei posse na Academia no dia 9 de outubro de 2014, assumindo a cadeira de número 3. Por lá já tinham passado Artur de Sales, Eloywaldo Chagas e Anna Amélia.